



O QUE SINALIZAM OS PROFESSORES SURDOS SOBRE LITERATURA SURDA EM LIVROS DIGITAIS

Fabiano Souto Rosa - UFPel

Madalena Klein - UFPel

A poucos anos foi oficializada a Libras – Língua Brasileira de Sinais – em nosso país, através da Lei 10.436 de 24/4/2002 e do Decreto 5.626 de 30/12/2005. Esta lei veio auxiliar o desenvolvimento das famílias, das escolas, das crianças surdas e da comunidade surda em geral. Através desta lei também conseguimos a divulgação de materiais de multimídias em língua de sinais, usados como meio de informação para os surdos e como conhecimento da sua própria língua.

Diversas vezes os surdos tentaram buscar informações e conhecimentos através de livros, mas a leitura na língua escrita tornava-se difícil¹. Agora, com as traduções para CD ou DVD em língua de sinais, o entendimento é claro. Estes materiais tornam-se mais fáceis e claros de serem entendidos devido a alguns fatores presentes neles e identificados como elementos da cultura surda: a língua de sinais, o movimento, as expressões faciais e corporais, o que é facilmente absorvido pelo indivíduo surdo que o assiste.

Vários materiais de multimídias em língua de sinais foram distribuídos nos últimos anos. Entre eles encontramos produções variadas de literatura surda, desde histórias traduzidas, adaptadas ou criadas por surdos ou ouvintes. Muitas pessoas têm acesso a estes materiais de multimídias sinalizados, circulando entre os surdos, suas famílias e escolas, pois fica mais claro e fácil o entendimento. Mas uma preocupação é como nestas produções a cultura surda está evidenciada.

A pesquisa a que se refere este artigo teve inspiração nos Estudos Surdos e nos Estudos Culturais, principalmente no que eles ajudam a entender a cultura surda, uma vez que ela é imprescindível para pensar a Literatura Surda.

O que determina a base da cultura surda é a experiência visual-espacial. Segundo Lopes; Veiga-Neto (2006, p. 90):

¹ A língua de sinais é a língua nativa dos surdos porque é visual-espacial, utilizada para comunicação dos surdos juntamente com as expressões faciais e corporais. As línguas de sinais são produzidas fluentemente entre os surdos. A segunda língua para os surdos é a língua escrita do seu país.

O olhar para o surdo muito mais do que um sentido é uma possibilidade de *ser outra coisa* e de ocupar outra posição na rede social. O olhar entendido como um marcador surdo é o que permite o contemplar-se, é o que permite ler um modo de vida de diferentes formas, é o que permite o cuidado de uns sobre os outros, é o que permite o interesse por coisas particulares, é o que permite interpretar e ser de outra forma depois da experiência surda, enfim, o olhar como uma marca, é o que permite a construção de uma alteridade surda.

Nesta experiência visual vai constituindo-se a cultura surda que, segundo Perlin (2004), tem na língua de sinais um dos pontos mais fortes dentre uma cultura suavemente rica; ela é a língua própria dos surdos. As línguas de sinais são fruto da cultura de cada país sendo que respeita e surge de acordo com a cultura de cada país.

Além da língua de sinais existem diversos elementos que participam desta cultura, como o contato com seus semelhantes através da comunidade surda, as piadas, as histórias, o teatro, a tecnologia usada como estratégias para adaptação da vida dos surdos neste mundo predominantemente ouvinte, contribuindo para a construção da sua identidade.

Conectando a surdez aos espaços teóricos

A articulação entre os Estudos Culturais e os Estudos Surdos nos possibilita pensar a Cultura Surda e analisar um de seus artefatos – a Literatura Surda. A centralidade que toma a cultura para se pensar a organização dos grupos sociais, suas relações locais e globais, bem como as transformações que vivemos, nos coloca desafios para se pensar a educação, e neste sentido, a educação de surdos e seus desdobramentos nos espaços dos movimentos surdos. Concordamos com Hall (1997, p.17) quando argumenta:

[...] a cultura tem assumido uma função de importância sem igual no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e à disposição de seus recursos econômicos e materiais. Os meios de produção, circulação e troca cultural, em particular, têm se expandido, através das tecnologias e da revolução da informação.

A atualidade é marcada por um grande avanço tecnológico e os surdos aproveitam as tecnologias como estratégia para conviver melhor neste mundo em igualdade de condições com os ouvintes. Alguns exemplos destas inovações: uso dos celulares para envio e recebimento de mensagens de texto, a internet para comunicação através de MSN, e-mails, webcam, vídeos e diversos outros sites que servem de informação, TDD² -

² É um sistema de comunicação telefônica digital em que os surdos podem se comunicar com outras pessoas escrevendo suas mensagens em um teclado e visualizando em uma tela as mensagens que lhe são enviadas.

Telecommunications Device for the Deaf, campanhas luminosas, alarme vibratório, babá eletrônica, máquinas fotográficas e filmadoras, entre outros. A expansão destas tecnologias cria condições de possibilidade de os surdos compartilharem suas experiências, de estabelecerem espaços de construção de significados sobre o ser surdo, utilizando-se das diversas mídias, postando histórias, anedotas, informações das mais diversas. O ser surdo não mais se restringe a um encontro surdo-surdo presencial, mas potencializa-se nos múltiplos encontros virtuais que surgem na atualidade.

Os Estudos Surdos surgiram a partir da necessidade de outros olhares sobre a surdez e os surdos. Um dos pontos mais importantes sobre o Ser Surdo é como ele pode compartilhar com outros surdos os significados, a cultura surda, identidade surda, a língua de sinais, o povo surdo, a subjetividade surda, a literatura surda, a pedagogia surda, a história cultural surda, a arte surda, o intérprete de língua de sinais, trabalho para surdos, ou seja, transitar em sua própria cultura. A aproximação dos Estudos Surdos com os Estudos Culturais criaram novas formas de analisar estes temas, evidenciados em diversas investigações desenvolvidas por grupos de pesquisadores surdos e ouvintes³.

O início dos grupos de Estudos Surdos é um marco na história dos surdos. Até então não havia evidências registradas e analisadas de que os surdos eram capazes de avançar. Com os Estudos Surdos, diversas pesquisas iniciaram em várias áreas, como: educação, linguística, tradução, cultura, escrita de sinais, história cultural. Todas essas pesquisas alavancaram o acesso dos surdos aos mais variados espaços e também proporcionaram uma união maior entre os surdos. Destes encontros, fortaleceram-se os movimentos a favor do reconhecimento de sua língua e de sua cultura.

Literatura Surda no Brasil

A Literatura Surda se constitui das histórias que têm a Libras, a questão da identidade e da cultura surda presentes nas narrativas. Mas por que precisamos de uma Literatura Surda? Muitos surdos não conhecem sua própria língua. Ao conhecer a Libras, estranham saber que existe uma cultura surda. A literatura surda auxilia no conhecimento da língua e cultura para os surdos que ainda não tem acesso a elas. Para as crianças surdas a literatura surda é um meio de referência e também cria uma aproximação com a própria cultura e o aprendizado da sua primeira língua, que facilitará na construção de sua identidade.

³ Exemplos desses grupos, primeiramente o NUPPES/UFRGS (1997-2004); e atualmente o GES/UFSC, e o GIPES/RS (interinstitucional).

A partir da década de 90 do século XX, grupos de instrutores surdos e professores de surdos iniciaram a produção de materiais filmados, com a finalidade de utilizar em atividades, principalmente nos espaços escolares. A princípio as filmagens eram de contação de histórias clássicas traduzidas em suas aulas com alunos surdos. Pelo sucesso que fez entre os alunos, iniciou-se a produção de materiais⁴.

Ao ter acesso a este material, as pessoas perceberam o quanto se tornava mais claro para os alunos o entendimento de alguns conhecimentos, pois são produzidos em sua própria língua e sinalizados por pessoas semelhantes a eles, ou seja, há uma ligação direta entre quem sinalizava e quem assiste.

Wrigley (1996) em sua pesquisa na Tailândia explica sobre o “Mestre dos Sinais”, que é um contador de histórias visto como um líder pelas crianças. No momento em que o “Mestre dos Sinais” se manifesta parece desempenhar um papel crucial na reprodução da cultura surda. Ele conta histórias que viu em filmes, mas sempre são recriadas e embelezadas, tornando-se um impacto que evidencia a pobreza severa de estímulos de outras fontes. Apesar de as crianças compreenderem e memorizarem a história, o que realmente fica de experiência para elas é o conhecimento da própria cultura.

A produção de Literatura Surda em formato digital necessita de alguns cuidados. Precisa analisar para qual público alvo o livro digital se destina: se para crianças surdas, precisam estratégias para que a língua de sinais seja mais leve, correspondendo ao nível linguístico delas. Isto porque as crianças surdas passam pelo processo de aquisição da linguagem e isso precisa ser respeitado. Outro cuidado refere-se aos adultos surdos. Nem todos têm o mesmo nível linguístico da Libras. Alguns deles, por frequentar pouco a comunidade surda, ainda estão em processo de desenvolvimento da língua igual as crianças. Tais surdos podem ter acesso ao material divulgado para o público infantil até desenvolver-se nos sinais e começar a assistir outros livros digitais que possuam um nível linguístico superior.

Há outro ponto importante nas produções de livros digitais ou outros vídeos. A Libras é a língua nativa dos surdos, ou seja, aquela que acontece no espaço onde eles estão. Mas dentro do nosso próprio país há diferenças, que são os regionalismos. Por exemplo, o INES, que foi o primeiro a fazer as produções de livros digitais, utilizou sinais próprios do Rio de Janeiro, onde é sua sede. Em virtude disto alguns surdos podem não entender tudo o que se

⁴ A primeira produção e distribuição desses materiais foi realizada no INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos, financiados pela SEESP/MEC, no ano de 1996, aproximadamente.

trata no vídeo. Apesar disso, existem estratégias de análise do contexto para tentar entender o que está sendo sinalizado.

Existem diferentes tipos de livros digitais na Literatura Surda, sendo que podemos destacar três processos na produção destes livros: a produção por tradução cultural da Língua Portuguesa para Libras; a produção através da adaptação cultural da história substituindo o que vem a ser específico da cultura de ouvintes pelas questões que são culturalmente aceitas pelos surdos, levando em consideração a comunidade e a identidade surda, e a produção/criação em Libras feita por surdos de maneira espontânea e criativa na contação de histórias e piadas.

É possível constatar que na Literatura Surda já existem livros digitais publicados na modalidade de tradução cultural. Neste processo é feita a tradução de histórias como por exemplo: Chapeuzinho Vermelho, que sofre o processo de tradução cultural, pois o público alvo são crianças surdas que fazem uso da Libras como sua primeira língua. O objetivo da tradução cultural é esclarecer para os surdos as histórias da literatura convencional, através da Libras, das expressões bem claras e da locação dos personagens bem marcada.

A adaptação cultural é feita levando em consideração a cultura surda, a identidade surda e a realidade de vida dos surdos, sendo que são necessárias substituições na história original das características dos personagens e dos acessórios que os acompanham. Um exemplo disso é a história da Cinderela Surda (SILVEIRA, ROSA, KARNOPP, 2003a) que foi adaptada, pois na história original a Cinderela é ouvinte, pertencente a uma família ouvinte que faz uso da oralidade, sendo que na história aparecem acessórios utilizados por ouvintes, como por exemplo: um sino. A equipe que fez a adaptação desta história teve a idéia de fazer algumas substituições, como por exemplo: a Cinderela passou a ser surda, usuária da língua de sinais e o sino foram substituídos por um relógio, pois este é mais visual. Uma outra adaptação feita foi a substituição do sapato pela luva, a qual Cinderela perdeu ao sair do baile. A luva foi escolhida por ser um simbolismo da Língua de Sinais.

Nesta modalidade – adaptação, ainda são mais frequentes os livros impressos, surgindo aos poucos produções em cd/dvd.

A Literatura Surda quando produzida por um surdo torna-se diferente das produzidas por pessoas ouvintes. Isso se dá porque o surdo é aquele que vivencia as experiências surdas, sua cultura e a Libras. Por mais que o ouvinte seja fluente na Libras e tenha conhecimento sobre a Cultura Surda e participe ativamente da comunidade, ele jamais vai experienciar da mesma maneira que o surdo faz. Por isso o surdo geralmente tem capacidade de produzir

histórias que serão mais facilmente absorvidas e compreendidas por outros surdos, e contam experiências com as quais outros surdos facilmente vão se identificar.

Os livros digitais nesta modalidade ainda são raros. Há muitas produções de histórias em diversos momentos e locais, como nas associações, nas ruas, nas escolas, mas isto ainda não é divulgado por editoras, de modo a atingir um número maior de pessoas. Por enquanto seu acesso é compartilhado na internet, através dos sites como *youtube*, por exemplo, ou disponibilizados diretamente com os autores.

Uma aproximação às sinalizações de professores/as surdos/as

É importante demarcar o problema de pesquisa de que trata este artigo, qual seja: como os livros digitais produzidos em Libras que circulam em nosso país representam a literatura surda. A ênfase foi analisar o que professores surdos sinalizam sobre livros digitais em – Libras, pretendendo estabelecer o que poderia ser considerado recorrente e preferencialmente utilizado para a produção e divulgação da cultura surda através do artefato literatura surda digital.

Dentre os objetivos específicos ainda destacam-se: - identificar em livros digitais em Libras quais os elementos que expressam a cultura surda; - enumerar quais as características encontradas nas histórias (estratégias são utilizadas nesses vídeos - material visual –) para o entendimento e clareza da mensagem; - analisar o que os professores surdos em formação identificam em relação aos livros digitais em Libras; - comparar as características de cada uma das histórias feitas para esta pesquisa com a análise feita pelos professores surdos em formação.

Ao assistir o material selecionado – a história traduzida de Chapeuzinho Vermelho - realizou-se uma análise preliminar dos elementos a serem evidenciados pelas informantes. Ou seja, cada um dos elementos que evidenciam a cultura surda e da parte técnica na produção dos vídeos, foram enumerados e descritos, como apresentado a seguir:

(1) TÉCNICA:

- o cenário apresenta desenhos que estão de acordo com a história e também é alterado de acordo com o momento em que ela está;
- o vídeo apresenta durante todo o tempo a legenda em Língua Portuguesa;
- a atriz muda de roupa a cada personagem, diferenciando-os;

- são apresentados objetos toda vez que algo novo é introduzido na história a fim de que fique mais fácil o entendimento. Por exemplo: a cabeça do lobo mau quando ele apareceu em cena e a espingarda do caçador quando ele iria ser introduzido na história;

- todo o vídeo é bem iluminado, o que facilita a visualização dos sinais;
- o enquadramento do vídeo é bem realizado.

(2) LIBRAS:

- é usado datilologia para algumas palavras que poderiam ser sinalizadas, exemplo: lobo mau, bolo e vovó;

- o uso de classificadores é muito bem empregado;
- as expressões faciais respeitam o contexto da Libras que é apresentado;
- o vocabulário é bem rico.

(3) ELEMENTOS DA CULTURA SURDA:

- foi criado sinal para a personagem Chapeuzinho Vermelho;
- as expressões faciais e corporais são bem demarcadas;
- expressões do português foram traduzidas em apenas um sinal para Libras, exemplo: O lobo comeu a vovó (Português) – DEVORAR + expressão (Libras) – dando ênfase no movimento de pegar a vovó e colocar tudo na boca.

- ao sinalizar a fala de dois personagens, a sinalizadora movimenta-se de acordo com cada um deles. Exemplo: Cena da mãe com a Chapeuzinho Vermelho, onde a menina olha para cima representando que conversa com a mãe e a mãe olha para baixo, mostrando que conversa com a filha. Todo esse diálogo também ocorre com uma boa movimentação corporal da sinalizadora, diferenciando bem o momento de cada personagem.

Para a realização da pesquisa utilizou-se de estratégias visuais. Os surdos assistiram as imagens dos vídeos para perceber nelas quais são as marcas surdas ali existentes, o que lhe *salta aos olhos*. Ao registrar nas filmagens as opiniões dos professores surdos participantes da pesquisa e depois assisti-las, foi possível, através das expressões e debates, identificar quais marcas surdas estavam ali evidenciadas, quais de fato chamavam a atenção. Cabe salientar que as entrevistas filmadas são de grande importância nas pesquisas com informantes surdos porque é a maneira de registrar e expressar a língua que é própria deste grupo. Isso é cultural para entrevistas com surdos.

Todos os participantes da pesquisa eram, no momento da aplicação das entrevistas, alunos e alunas do Curso Letras/Libras, modalidade Educação à Distância da Universidade Federal de Santa Catarina, mais especificamente, do Pólo da Universidade Federal de Santa Maria/RS. As respostas apresentadas neste artigo foram produzidas em dois momentos diferenciados da pesquisa: primeiramente com um grupo de três professoras, o que constituiu um projeto-piloto para validação do instrumento de pesquisa, e num segundo momento, entrevistas com mais seis alunas e aluno deste mesmo curso⁵.

Os professores escolhidos são oriundos de três regiões do Rio Grande do Sul. Estas cidades têm um ponto em comum: possuem associação de surdos, escola de surdos, comunidade surda atuante e participativa e também surdos que estão estudando nas universidades. Estas cidades primam pelo desenvolvimento dos surdos e têm um número de surdos muito expressivo no curso de Letras/Libras.

Ambos grupos assistiram a história “Chapeuzinho Vermelho”, uma tradução feita pelo INES, no ano 2000 e que está disponível no livro digital “Histórias Infantis em Língua de Sinais: Introdução às Operações Matemáticas”. As respostas obtidas neste momento da pesquisa – projeto piloto – somaram-se posteriormente às respostas obtidas pelos informantes que participaram da etapa seguinte da pesquisa, em que foi assistida esta e mais outras cinco produções em DVD.

Para as entrevistas foram elaboradas seis perguntas: 1) Qual a tua opinião sobre o vídeo que assistiu?; 2) Como tu analisas a sinalização feita?; 3) Como tu percebes a parte técnica do vídeo: cenário, visual, etc.?; 4) Percebes marcas surdas neste vídeo?; 5) Qual a importância destas histórias para a educação de surdos?; 6) Tem algum outro material da literatura surda que tu mais gostes?

Durante a análise tornou-se complicado separar quando a análise da Libras era sobre parte técnica ou marcas surdas. Cabe salientar que elas estão entrelaçadas, mas que para uma questão de análise, discutimos aqui sobre o que seria a parte técnica da sinalização. Nesta pesquisa, apresentamos estes pontos como sendo fundamentais para que o vídeo tenha uma qualidade capaz de atingir o objetivo de transmitir a história e circular em todas as comunidades surdas. Por isso, é importante preocupar-se com a maneira como os vídeos estão sendo sinalizados.

⁵ A turma do curso de Letras/Libras era equilibrada em relação a participação de homens e mulheres. Mas, um dos requisitos para participar da pesquisa era ter uma formação docente anterior. Outro requisito era ser professor atuante. Nestes critérios encaixaram-se mais mulheres, realidade que se repete nas escolas de surdos, onde a grande maioria dos professores surdos são mulheres.

Muitas foram as percepções dos entrevistados ao analisar a sinalização dos vídeos. Eles não se detiveram apenas na sinalização em si, mas em todos os elementos e recursos que poderiam ser observados como, por exemplo: a maneira como os personagens eram diferenciados, o vocabulário, o movimento em cena, uso de sinais diferentes. Foi uma análise muito criteriosa e observadora, pois eles estavam atentos para saber se os vídeos, de fato, seriam entendidos. Dentre as perguntas feitas, a que resultou em um debate interessante foi a segunda pergunta: “Como tu analisas a sinalização feita?” No geral, a avaliação feita deste item foi positiva.

Vejo que é claro e como ela falou antes tem momentos em que o contexto fica claro também. Por exemplo: “LOBO-MAU pegar velha mulher” tem marca da Língua Português mas no vídeo ela sinalizou corretamente: DEVOROU + expressão facial e corporal de comer a vovó. (Entrevistada 1)

Ao confrontar as análises preliminares com as feitas pelo grupo de professoras e professor, percebe-se que existem muitas semelhanças entre nossas opiniões. Neste vídeo, por mais que seja apenas uma tradução, não é feito o Português sinalizado, pois há aspectos da Libras que são empregados para que o entendimento fique mais claro.

Para mim é claro porque eu conheço surdos de outros estados. Mas se o surdo não tem contato com outros estados, nunca viajou, não foi a nenhum congresso, não vai entender. Porque tem sinais de cada região, por exemplo, usa para avo/vovo “velho”+ velho, mas lá usam V-O-V-O (datilologia) para mãe usa-se “mãe” ou benção (beijando a mão). (Entrevistada 2)

Tudo bem porque no Rio há uma grande influencia da datilologia. Outro surdo que tem contato com a região entende, mas se as crianças surdas assistirem, eles não conhecem a palavra de soletrada “L-O-B-O” ou “B-O-L-O”. Poderia substituir pelo sinal de lobo e bolo ou usar classificadores. (Entrevistada 3)

Os vídeos analisados retratam o sinalizador utilizando datilologia e, durante a entrevista, surgiram opiniões contrárias a esse uso, pois isso poderia prejudicar o entendimento das crianças, até por que as palavras que foram soletradas possuem sinal, porém os mesmos não foram utilizados. Os entrevistados são do Estado do Rio Grande do Sul e estão acostumados a utilizar sinais para essas palavras, no entanto o vídeo foi produzido no Rio de Janeiro, onde o uso da datilologia é comum. A preocupação principal dos entrevistados é em relação às crianças surdas, que podem não entender as palavras, sendo primordial o uso da Libras primeiro, para que depois possa ser introduzida a datilologia.

[...] Achei estranha a questão da datilologia para MAMÃE. Achas que as crianças vão entender? Fico em dúvida. Também para MAU, eles não vão entender o significado de MAU, só vendo o sinal. Por isso é importante dar dicas de que MAU corresponde a tal sinal, para que elas aprendam. (Entrevistada 5)

Foi utilizada muita datilologia, porém achei reduzido o uso dos classificadores. (Entrevistada 4)

[...] mas só a questão da datilologia foi o problema, porque os alunos não vão entender. Seria necessário dar as dicas antes. (Entrevistada 5)

A entrevistada 3 falou que a datilologia se torna complexa para entendimento. Sabemos que a história apresentada é voltada para o público infantil e, portanto, precisa ser adaptada para este tipo de público. Por isso, deveriam ser usados mais visual, mais classificadores, mais imagens. Se fosse voltado para adultos, não teria problema em utilizar a datilologia, pois para eles seria mais fácil o entendimento, levando-se em consideração que poderiam ser alfabetizados. Mas quando o público são crianças, todas estas estratégias e adaptações devem ser pensadas.

Durante a análise preliminar da técnica, percebeu-se o uso da legenda em Língua Portuguesa. Sobre isso, o que disseram os informantes:

A legenda é desnecessária. Ele não percebeu, mas pode acabar confundindo os alunos e estes ficarem fazendo perguntas por causa disso. O ideal é o foco na sinalização [...] A única coisa a corrigir seria tirar a legenda. (Entrevistada 4)

Deveria haver a opção de colocar ou não a legenda porque para as crianças a combinação não é utilizada. Para os adultos, sim, poderia ser feito o uso da legenda. (Entrevistada 6)

[...] A legenda pode ser retirada, pois atrapalha. (Entrevistado 7)

Estes entrevistados foram unânimes ao discordar da legenda obrigatória, pois atrapalha o visual quando é apresentado juntamente com a sinalização, prejudicando o entendimento. O ideal é que a legenda venha como opcional. O vídeo analisado era voltado ao público infantil. A legenda seria admissível para públicos já alfabetizados.

Outros itens foram analisados e considerados como fundamentais para que o visual do vídeo seja claro. Entre eles o cenário, as imagens alternadas que passam em alguns vídeos, os personagens e os materiais que são utilizados para caracterizá-los. Em relação a estes itens, os entrevistados foram críticos e sugeriram ideias para que possa ser melhorado:

Eu achei o cenário bem atrativo, com desenhos que chamam a atenção das crianças, próprio para o público infantil. A roupa dos personagens está boa, mas pouca.

Precisaria que os personagens trocassem de roupa, pois é mais visual. A vovó precisaria do óculos, do vestido. (Entrevistada 6)

Abaixo encontram-se excertos que apresentam questões sobre os materiais utilizados nas histórias, ou seja, a falta e a falha na utilização de materiais.

[...] Materiais visuais são inexistentes. Poderiam ter sido utilizadas estratégias para utilização de material visual, mas não foi feito. Os sinais de cada personagem foram realizados muito rapidamente. [...] (Entrevistada 6)

Quando a chapeuzinho está sinalizando, é utilizada a roupa. Quando é outro personagem, a roupa é tirada. Achei isso um pouco confuso. Quando apareceu o lobo mau comendo a vovozinha, ela não usava roupa. Acredito que ficaria bem melhor se tivesse a caracterização de todos os personagens. Ou então poderia ser mais de um ator, um para cada personagem. Ficou muito confuso assim e acredito que algumas crianças podem não compreender. Melhor seria se fosse apenas uma roupa para sinalizar. (Entrevistado 7)

É uma estratégia para as crianças pequenas a utilização da roupa, chapéu, a arma para o caçador, etc. Isso é visual. As crianças gostam mais do visual. Elas conseguem perceber se é um personagem do bem ou do mal por causa da expressão, mas também por causa das roupas e materiais usados. São estratégias. (Entrevistada 5)

[...] No momento do caçador poderia ter sido apresentada a espingarda. Para o entendimento das crianças, ficaria bem melhor. Mas não, não utilizaram. Outra coisa ruim foi a presença da legenda, que também atrapalhou. [...] (Entrevistada 4)

Outro aspecto apresentado foi sobre a postura do sinalizador:

Há um pouco de movimento do corpo na sinalização. A direção do olhar da sinalizadora ficou fixa na câmera e isso não é necessário. Ela pode movimentar o olhar pelo cenário também, acompanhar o movimento do sinal. A sinalização em si estava boa. [...] (Entrevistado 7)

Esses comentários dos entrevistados levam-nos a considerar o quanto é importante uma preparação prévia para a filmagem. É importante que o sinalizador passe uma segurança para quem está assistindo ao vídeo e também uma postura correta.

Indicativos para histórias subsequentes.

A produção e circulação da Literatura Surda vêm se expandindo e um dos fatores que contribui para este aumento é o entendimento de sua importância e a comprovação dos seus

efeitos quando utilizados nas escolas de surdos, para as crianças surdas, ou seja, no mundo dos surdos.

É importante ressaltar que para futuras produções de literatura surda é imprescindível que os elementos técnicos sejam levados em consideração para que sejam feitos com qualidade e sejam acessíveis para os surdos devido às questões da experiência visual. Os surdos também devem analisá-las, para garantir que a cultura e identidade surda sejam apresentadas. Para que isto de fato aconteça, a avaliação de pedagogos, pesquisadores na área da produção cultural surda que conheça estas questões é essencial, pois eles podem contribuir para que não haja prejuízos com estas produções.

Finalizamos torcendo para que os surdos atentem para esta possibilidade de produção. Que ao perceberem a relevância da literatura surda, levem em consideração os aspectos aqui levantados e possam sinalizar novos contos, cada vez aumentando mais um ponto.

Referências Bibliográficas

- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 22, n.2, p. 15 – 46, jul/dez, 1997.
- LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. In: **Revista Perspectiva**. Florianópolis/SC: UFSC, v. 24, n especial, p. 81 – 100, jul/ dez, 2006.
- OLIVEIRA, Maria A. Amin, CARVALHO, Ozana Vera G. e OLIVEIRA, Maria Lúcia M. B. **Um mistério a resolver: O mundo das bocas mexedeiras**. Belo Horizonte/MG: Editora O Lutador, 2008
- PERLIN, G. O Lugar da Cultura Surda. In: THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs) **A Invenção da Surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul/RS: EDUNISC, 2004, p. 73 - 82.
- QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre/RS: ARTMED, 2004.
- SILVEIRA, Carolina Hessel, ROSA, Fabiano, KARNOPP, Lodenir. **Cinderela Surda**. Canoas/RS: ULBRA, 2003.
- WRIGLEY, Owen. **The Politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996